

GRANDES ÁREAS DO SANTARENZINHO E MARACANÃ COMO CORREDORES DE DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE SANTARÉM

II Simpósio Processos Civilizadores na PanAmazônia, 2ª edição, de 09/06/2021 a 11/06/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-54-8

SANT'ANA; Alexandre Napoleão Sant'Ana ¹

RESUMO

GT3. TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES NA AMAZÔNIA: TEORIAS, PROCESSOS E CONFLITOS

GRANDES ÁREAS DO SANTARENZINHO E DO MARACANÃ COMO CORREDORES DE DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE SANTARÉM

GREAT AREAS OF SANTARENZINHO AND MARACANÃ AS NEW DEVELOPMENT CORRIDORS OF THE CITY OF SANTARÉM

Alexandre Napoleão Sant'Ana

RESUMO

Este artigo tem por finalidade analisar o desenvolvimento socioeconômico experimentado pela cidade de Santarém, no estado do Pará, com enfoque direto sobre as denominadas grandes áreas do Santarenzinho e do Maracanã, e seu processo de ordenamento territorial. Por meio da pesquisa bibliográfica e documental, busca-se investigar a historicidade da ocupação daquela região, verificar os índices populacionais locais mais importantes, bem como ponderar os investimentos públicos e privados em andamento e implantados percorrendo a história local desde o período colonial. Atualmente, Santarém ocupa lugar de destaque na condição de cidade de porte médio da Amazônia Oriental. E é neste sentido que se reveste de extrema relevância analisar o processo de desenvolvimento local em curso, que tem como principais corredores as grandes áreas do Santarenzinho e do Maracanã, alvos de diversos investimentos.

Palavras-chave: Santarém. Santarenzinho. Maracanã. Territorialização. Desenvolvimento.

ABSTRACT

This article has as purpose to analyze the socioeconomic development experienced by the city of Santarém, in State of Pará with a direct focus on the so - called greats areas of Santarenzinho and Maracanã, and its territorial planning process. Through bibliographical and documentary research, we sought to investigate the historicity of the occupation in that region, to verify the most important local population indexes, as well as to consider the public and private investments in progress and already implemented. Currently, Santarém occupies a prominent place in the condition of a medium-sized city in the Eastern Amazon. And it is in this sense that it is extremely relevant to analyze the ongoing local development process, which has as its main corridor the great areas of

¹ UNAMA CENTRO UNIVERSITÁRIO DA AMAZÔNIA, sandronapoleao@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Santarém está localizada na região oeste do estado do Pará, na mesorregião do Baixo Amazonas, às margens dos rios Tapajós e Amazonas. Sua história remonta ao século XVII, quando da fundação da Missão do Tapajós, em 22 de junho de 1661, pelo padre João Felipe Bettendorf, em nome da coroa portuguesa por questões religiosas e colonizadoras. Em 14 de março de 1758, seria elevada à condição de vila adotando o nome de Santarém em homenagem à uma cidade homônima em Portugal. Finalmente, seu reconhecimento como cidade seria alcançado em 24 de outubro de 1848. Ao longo de todo este processo evolutivo, Santarém foi influenciada por portugueses, norte-americanos e, até mesmo, árabes (AMORIM, 2000).

Modernamente, Santarém, conhecida como a "Pérola do Tapajós", desponta como uma cidade de porte médio de extrema importância na Amazônia Oriental notabilizando-se como centro urbano, comercial, financeiro e cultural no oeste paraense (PEREIRA, 2009). É considerada a terceira cidade mais populosa do estado e abriga a sede da Região Metropolitana de Santarém, que inclui os municípios de Belterra e Mojuí dos Campos (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTARÉM, 2017).

De acordo com dados fornecidos pela prefeitura local, a população de Santarém está estimada em mais de 294 mil pessoas, que ocupam uma área territorial de 22.887,080 km², localizada estrategicamente entre as cidades de Belém, sua capital, e Manaus, capital do estado do Amazonas.

Após experimentar alguns ciclos econômicos voltados à exportação de produtos, Santarém destaca-se pelo setor de serviços e comércio, embora ainda exista a exploração do extrativismo, a presença de certo grau de industrialização, a pecuária e a cultura da soja, que juntos elevam o seu PIB à sétima colocação no *ranking* estadual. Convém destacar que o estado do Pará é, territorialmente, a segunda maior unidade federativa brasileira, atrás apenas do Estado do Amazonas. Divide-se em 144 municípios, dos quais Belém é a capital e sede de uma região metropolitana.

Em 2011, decorreu no estado do Pará um plebiscito em que a população local foi consultada sobre a possibilidade de dividir esta unidade federativa em três partes, sendo ao Sul o estado do Carajás e, à oeste, o estado do Tapajós, reduzindo-se o Estado do Pará à Belém, sua região metropolitana e demais cidades de regiões mais próximas. Todavia, a maioria da população paraense (aproximadamente 66,00%) rejeitou a proposta e impediu que esta antiga reivindicação, especialmente santarena, fosse concretizada (TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PARÁ).

No entanto, o sentimento emancipacionista persiste na região oeste do estado, sobretudo na cidade de Santarém, a qual se propõe a ser a futura capital do tão sonhado estado do Tapajós.

Dante deste cenário, a proposta deste trabalho é analisar o movimento expansionista que tem sido verificado, nas últimas décadas, nas chamadas grandes áreas do Santarenzinho e do Maracanã, localizadas a oeste do território municipal. Na consecução deste objetivo, há que se visitar o processo de formação da cidade de Santarém como um todo, a fim de se entender as peculiaridades desta cidade.

A região oeste da cidade tem sido contemplada com inúmeros empreendimentos e investimentos de natureza pública e privada, e sua ocupação territorial por parte de pessoas das mais diversas origens merece destaque, uma vez que este *locus* tem despontado como o novo corredor de desenvolvimento socioeconômico da cidade de Santarém. Para tanto, autores como Terezinha Amorim, Edna Castro, José Pereira e Eric Wolf serão revisitados como fundamentação de grande importância neste contexto, não apenas socioeconômico e regional, mas também histórico, como se verá a seguir.

2. SANTARÉM NO CONTEXTO DE TERRITORIALIZAÇÃO DA AMAZÔNIA

A formação histórica de Santarém data do século XVII, por meio das expedições portuguesas pelo rio Amazonas a partir da cidade de Belém, com a finalidade de consolidar o domínio colonial lusitano sobre as terras fundando aldeias, vilas, fortés, e expandindo o cristianismo entre os nativos nas missões religiosas. Santarém sempre gozou de uma posição privilegiada, tendo em vista localizar-se no encontro entre os rios Amazonas e Tapajós, sendo este importante via de interiorização para região sudoeste do Pará em direção ao estado do Mato Grosso.

Em decorrência disso, as primeiras fundações de assentamentos coloniais ao longo do rio Amazonas seguiram essa tendência, sendo elas os embriões de futuros entrepostos comerciais que seriam utilizados por portugueses e brasileiros ao longo dos séculos para escoar a produção oriunda do interior da floresta amazônica, valendo-se também do rio Tapajós e suas riquezas oriundas daquela região mais ao sul.

Em nível nacional, a expansão de nossas cidades sempre esteve voltada à exportação, até mesmo porque o Brasil foi uma colônia de exploração durante séculos, em que a lógica predominante era abastecer o mercado externo. Destarte, com base no trabalho escravo, no interior e nas cidades, que eram eminentemente costeiras, os ciclos econômicos coloniais foram definindo a paisagem urbana brasileira.

Em outras palavras, nossas cidades eram postos avançados da produção localizada no interior com a função de organizar o mercado de produtos direcionados ao mercado exterior e da mão de obra escrava aqui explorada (CASTRO, 2009).

Conforme Edna Castro, em uma visão mais abrangente da região amazônica:

A ocupação da Amazônia pela colonização portuguesa foi movida por interesses políticos de fincar pontos avançados, com fortificações, em lugares estrategicamente relevantes, distantes, para demarcar a presença portuguesa nessa imensa região do norte (CASTRO, 2009, p.17).

Para Castro (2009), a fundação das cidades coloniais amazônicas teria como finalidades a conquista de território e a organização de interesses econômicos, em um modelo de povoamento que visava consagrar o sistema extrativista, o transporte de mercadorias, o processo de catequese e dominação indígena. Com a expansão portuguesa à região, passou-se a explorar alguns ciclos econômicos regionais no período colonial como as drogas do sertão, riquezas vegetais muito valorizadas no continente europeu, e especialmente o cacau.

No século XIX e durante o período da 2ª Guerra Mundial (década de 1940), a cultura da borracha passou a ter papel fundamental nesse processo de povoamento e ocupação da região norte. Em razão desse novo produto, a troca de mercadorias foi fomentada em toda a região, onde quer que houvesse capacidade de explorar esse recurso surgia um posto comercial capaz de captar e escoar a produção em direção aos centros mais desenvolvidos.

Na lição de Terezinha Amorim:

A borracha foi, sem dúvida, o principal produto de exportação do norte do Brasil no século XIX. A produção era tão intensa que, durante esse ciclo, deu-se o desenvolvimento urbanístico e a dinamização da economia regional (AMORIM, 2000, p. 98).

Foi no final século XIX que se deu a primeira grande migração nordestina para a Amazônia em razão do declínio econômico da região nordeste, diante do predomínio da produção do café, e que foi agravado pela grande seca que assolou aquela região na década de 1870. Ao mesmo tempo, ocorreu a ascensão da produção e valorização do látex extraído da seringueira na floresta, o que atraiu uma grande massa trabalhadora.

Assim, verifica-se que a produção era canalizada do interior da selva amazônica em direção aos grandes centros urbanos, como Belém e Manaus, que eram portos voltados à exportação para outros países e que viveram seu apogeu nesse período. Nesse meio tempo, era necessário que houvesse entrepostos capazes de manter a ligação entre a produção e a exportação, daí surgindo inúmeros povoados ao longo dos rios da região, embriões dos centros urbanos amazônicos hoje conhecidos como é o caso de Santarém, logo, Castro descreve que:

¹ UNAMA CENTRO UNIVERSITÁRIO DA AMAZÔNIA, sandronapoleao@yahoo.com.br

Os seringais eram lugares de produção, e a cidade, o lugar de comércio. A borracha representa o momento mais importante da formação da rede urbana, ainda que incipiente, com o povoamento e a formação de cidades em função dos fluxos econômicos (CASTRO, 2009, p.18).

Todavia, na opinião da professora Terezinha Amorim:

Apesar da importante função que exerceram neste período, o antigo “rio da borracha” e a cidade de Santarém (ao contrário do que ocorreu tanto em Belém como em Manaus), em nada os mesmos foram beneficiados, pois nenhum desenvolvimento econômico e urbanístico se tornou evidente na região nesse período (AMORIM, 2000, p. 100).

De 1945 a 1970, a região permaneceu estagnada economicamente pela decadência do ciclo da borracha. Contudo, a partir da década de 70, a região conheceu um novo impulso com a descoberta de grandes reservas de ouro na cidade de Itaituba, distante aproximadamente 370 km de Santarém. Com isso, teve início o ciclo do ouro, o qual atraiu grandes fluxos migratórios (em especial de nordestinos), gerou muita riqueza, mas nenhum desenvolvimento socioeconômico, embora tenha sido, até a década de 1990, a região mais produtiva do mundo (AMORIM, 2013).

Ao descrever a situação vivenciada por Itaituba, e, paralelamente por Santarém e toda a região, Terezinha Amorim assim ilustra:

A moeda em circulação era o ouro, garimpeiros chegavam às cidades esbanjando suas fortunas e consumindo tudo o que o dinheiro podia comprar. O comércio, inclusive em Santarém, era intenso. Em contrapartida, as doenças tropicais, principalmente a malária, fizeram milhares de vítimas. A violência era excessiva, mortes de proprietários de garimpo e de trabalhadores eram encoroadas diariamente. O único registro de melhoria na saúde foi a instalação do Hospital dos Garimpeiros em Itaituba. Com relação à infraestrutura, principalmente quanto ao saneamento básico da cidade e região não há registros (AMORIM, 2013, p. 31).

Com o fim deste ciclo econômico, nos anos 90, a região entrou em novo período de estagnação e falências. Entretanto, na virada do século XXI, a região passou novamente a figurar como polo de atração com a criação de gado, exploração da madeira e a chegada da soja, era Santarém sendo descoberta pelo agronegócio que se expandia a partir do Cerrado mato-grossense em direção à Floresta Amazônica.

Eric Wolf (2003), em sua obra “Antropologia e poder”, abordou as principais características das comunidades e classes sociais no Novo Mundo. Em sua escorreita descrição daquele cenário, podemos encontrar semelhanças entre a chamada *plantation* e o processo de formação, desenvolvimento e ascensão de Santarém e da região amazônica em geral. Portanto, o próximo capítulo será prodigioso neste sentido.

3. O MODELO DE URBANIZAÇÃO DA AMAZÔNIA

Após o período colonial, sobretudo com a instauração da república no Brasil, no lapso entre os séculos XIX e XX, a relação campo-cidade sofreu profundas alterações. Com a chegada da industrialização ao Brasil, um novo modelo passou a protagonizar a economia e a organização social brasileiras. Nas palavras de Castro (2009), a urbanização brasileira acompanhou a industrialização, passando definitivamente para um outro regime de acumulação, o do capital industrial.

A ruptura dos antigos padrões de povoamento do território nacional intensificou-se ao longo do século XX, com certas regiões brasileiras despontando como polos de atração de mão de obra do campo em razão da industrialização. Contudo, fenômenos naturais como as secas no nordeste brasileiro também tiveram sua parcela de contribuição nesse processo de migração populacional em nosso território.

Com dados obtidos junto ao IBGE, Castro (2009) demonstrou na Tabela 1 a tendência à urbanização experimentada pelo Brasil a partir da década de 1960, e para a região norte, a partir dos anos de 1980, senão vejamos:

Tabela 1: Crescimento populacional e urbanização no Brasil e na Região Norte, 1940 -2000.

Ano

Brasil

Região Norte

População

% Urbano

População

% Urbano

1940

41.236.315

31,20%

1.462.420

27,70%

1950

51.944.397

36,20%

1.844.655

31,50%

1960

70.070.457

44,70%

2.561.782

37,50%

1970

93.139.037

55,90%

3.603.860

45,10%

1980

119.002.706

67,60%

5.880.268

51,70%

1991

150.367.800

75,00%

9.337.150

57,80%

2000

169.799.170

81,00%

12.900.704

69,87%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Censos Demográficos de 1940 a 2000 (CASTRO, 2009, p. 19).

Compulsando-se os dados acima, é possível verificar que a população brasileira passou a ser eminentemente urbana a partir dos anos 70, com o ponto de viragem da região norte sendo atingido na década seguinte. Tais dados ilustram claramente o abandono dos antigos modelos de economia pautados na produção do campo com o predomínio do padrão de acumulação de capital pela industrialização, o qual deslocou uma grande massa de trabalhadores do campo para os centros urbanos.

Até mesmo a região norte, em que pese suas distâncias continentais, parcos meios de transporte e quase isolamento do restante do país, seguiu esta tendência de urbanização. Há que se considerar, entretanto, um fator de extrema importância neste processo que decorreu a partir da segunda metade do século XX naquela região.

A saber, a região norte passou a ser objeto de intensos investimentos estatais motivados pelo desenvolvimentismo e nacionalismo que foram claramente estampados sob o *slogan*: “Integrar para não entregar”. Portanto, sob uma bandeira de proteção da Amazônia contra a internacionalização, os governos militares realizaram diversos projetos de ocupação daquele espaço por meio da abertura de rodovias federais como a Santarém-Cuiabá (BR-163), no sentido norte-sul, e a Transamazônica (BR-230), na direção leste-oeste. Não se olvide, porém, que em 1960, antes do período de dominação militar, o primeiro grande corredor em direção ao norte foi a rodovia Belém-Brasília (BR-153).

Os Planos de Desenvolvimento da Amazônia (PDA) foram fundamentais para a ocupação da região por migrantes de diversas partes do Brasil. A existente produção agrícola e a pecuária passaram a compartilhar espaço com culturas mais capitalizadas nesse processo. O espaço urbano na fronteira foi produto não só do planejamento, mas da recriação social, das relações construídas por várias gerações que acabaram por se envolver em um projeto de desenvolvimento regional (CASTRO, 2009).

Como forma de potencializar os resultados, os Planos de Desenvolvimento da Amazônia realizaram a integração de antigas cidades da região, que tinham alguma importância tradicional no cenário regional, (CASTRO, 2009) como foi o caso de Porto Velho e Rio Branco, Altamira, Itaituba, Santarém, Marabá, Tucuruí e São Félix do Xingu, promovendo-lhes organização da economia, a integração e o desenvolvimento.

A história registra que a região obedeceu a dois modelos de urbanização influenciados pelo Estado e pelo mercado. O primeiro induzido pelo mencionado ciclo da borracha que levou à ocupação da região a partir dos vales dos rios. Em um segundo momento, a expansão da fronteira agrícola vinda do sul passou a ser o objetivo dos investimentos públicos na região, o que acarretaria consigo o desmatamento. Assim:

O avanço da fronteira agrícola dos anos 1970 contou de forma expressiva com as cidades já existentes localizadas nas margens dos cursos d’água. Entre outras, aquelas às margens do rio Tocantins (Tucuruí, Marabá, Imperatriz), do rio Xingu (Altamira, Vitória do Xingu e São Félix do Xingu), do rio Tapajós (Santarém e Itaituba) e do rio Madeira (Porto Velho e Humaitá). Mesmo pequenas, desempenharam papel importante na economia e na sociedade regional, referência para a população do entorno. Essas cidades antigas tornaram-se importantes nesse processo de transformação regional pela infraestrutura que ofereciam e pela diversidade de serviços. Não perderam esse papel na dinâmica regional, ao contrário, hoje são elos de confluência da ação

política e do mercado ao lado de outras surgidas no movimento de expansão da fronteira, a exemplo de Parauapebas, Sinop, Vilhena e Paragominas (CASTRO, 2009, p. 27).

4. A IMPORTÂNCIA DE SANTARÉM COMO POLO DO BAIXO AMAZONAS

A cidade de Santarém é considerada um polo de grande importância desde os tempos da economia colonial. Localizada a oeste do estado do Pará, é cortada por inúmeros rios utilizados há séculos para a navegação de pessoas e bens.

Graças ao Programa de Integração Nacional (PIN), a cidade cresceu ainda mais em importância com a abertura das rodovias Transamazônica (BR-230) e Santarém-Cuiabá (BR-163), as quais possibilitaram maior rapidez no processo de povoamento da região com a consequente formação de diversos aglomerados humanos em seu território, além das áreas tradicionalmente ocupadas.

De acordo com Castro (2009), o processo de urbanização caracteriza a espacialização da população, de natureza intensa e ritmo acelerado, introduzindo profundas mudanças na estrutura do povoamento regional. Este crescimento acelerado experimentado por diversas cidades amazônicas de pequeno e médio porte, em especial Santarém, acarreta uma explosão demográfica que impacta em diversos setores públicos como habitação, saneamento, limpeza pública e tratamento de resíduos, empregabilidade, segurança, atendimento básico de saúde etc.

Portanto, estas cidades estão vivenciando o mesmo processo de concentração populacional – e suas mazelas – que foi predominante nas capitais dos estados por algumas décadas, o que pode ser observado com a desigualdade social, aumento da violência, exclusão social e demais contradições que podem ser atribuídas, em certa medida, ao nosso modelo econômico capitalista.

Santarém representa um polo de influência em termos regionais que extrapola os limites estaduais, em um movimento impulsionado pelos interesses do mercado. Esta cidade sempre teve papel de destaque por seus produtos naturais, como as drogas do sertão (guaraná, cravo, salsa, cacau), tão valorizadas pelos europeus. Os primeiros seringais da Amazônia também foram explorados às margens do rio Tapajós, o que impulsionou a colonização da região no passado, como referido anteriormente.

Conforme descrito pela historiadora Amorim (2013), em relação ao ciclo da borracha no rio Tapajós, às suas margens, o magnata norte-americano Henry Ford iniciou, em 1927, o grande projeto de produção ordenada de seringais e marcou um novo processo de ocupação e de exploração econômica da região.

Com o arrendamento de um milhão de hectares, entre os municípios de Aveiro e Itaituba, o investidor criou a infraestrutura de uma cidade moderna chamada Fordlândia, a qual acabou não prosperando em razão de diversos fatores. Em 1934, nova tentativa foi feita mais próximo à Santarém na região que hoje corresponde ao município de Belterra, todavia, novo insucesso foi colhido pelo proprietário da *Ford Motor Company*.

Apesar de suas deficiências, a cidade de Santarém desfruta de estrutura e diversidade de bens e serviços que lhe conferem o *status* de cidade média nesta região. As necessidades dos seus moradores e das cidades vizinhas por melhor atendimento médico, educação básica e de nível superior, cultura, lazer e oportunidades de emprego podem ser supridas com mais facilidade em Santarém.

Pereira (2009) assinala o papel de Santarém no cenário do agronegócio:

Desempenha, também, o papel de corredor de escoamento da produção de grãos do Centro-Oeste, especialmente da soja, que do porto local parte em direção aos Estados Unidos e à Europa, graças à localização estratégica dessa cidade em relação aos grandes centros consumidores de grãos exportados pelo Brasil (PEREIRA, 2009, p. 348).

5. A EXPANSÃO URBANA DE SANTARÉM E SUA PERIFERIZAÇÃO

A especulação imobiliária promovida por segmentos sociais vindos de estados do sul atingiu tanto as terras

rurais, quanto as terras urbanas, incorporando grandes porções de terra e desagregando a tradicional agricultura familiar, em um movimento que empurrou muitas famílias para áreas rurais mais distantes, para a periferia da cidade ou para municípios vizinhos (PEREIRA, 2009).

Em relação à ocupação urbana de Santarém, Pereira (2009) nos esclarece que:

De fato, a população urbana, que, na década de 70, era de 50 mil habitantes, sofre profunda transformação nas duas décadas seguintes, dada as políticas urbanas federais implementadas entre 1970 e 1990, no âmbito do Plano de Integração Nacional (PIN) e às decorrentes melhorias na infra-estrutura urbana – comunicações, transportes, serviços de educação, saúde e saneamento básico (PEREIRA, 2009. p. 332).

Logo, é possível correlacionar a expansão periférica de Santarém com os ciclos econômicos citados e a chegada da cultura da soja na zona rural desta região, em especial no corredor da BR-163, em comunidades como São José, Cipoal e Tabocal. Contudo, o processo de ocupação desordenada havia tido início muito antes da chegada dos “sojeiros” ou “gaúchos”. Conforme Amorim (2013), o processo data do final da década de 1970, período em que acidentes geográficos que demarcavam os limites naturais de Santarém começaram a ser ignorados e ultrapassados:

Os principais responsáveis pela ocupação desordenada têm como causa uma conjunção de fatores: o êxodo rural, a busca de escolas para filhos, a tentativa de emprego na cidade, o aumento populacional, a formação de novas famílias, a chegada de imigrantes (principalmente nordestinos), a oferta de bons preços aos terrenos localizados nas áreas próximas ao centro, levando os seus antigos moradores a se deslocarem para os novos bairros, cada vez mais distantes, deixando para trás seu passado e sua história (AMORIM, 2013, p. 108).

Segundo observado por Pereira (2009), em pouco menos de uma década, áreas de floresta viraram loteamentos ilegais constituídos por casas de padrão construtivo de baixa qualidade, com grande número de moradores, mas carentes de serviços públicos como iluminação, pavimentação e saneamento. Estas características amoldam-se perfeitamente ao objeto desta pesquisa, como se observará em seguida, na análise da zona oeste de Santarém.

6. AS GRANDES ÁREAS DO SANTARENZINHO E DO MARACANÃ

Como descrito neste estudo, Santarém passou por um grande processo de urbanização nas últimas décadas. Áreas periféricas, antes dominadas pela vegetação nativa, foram ocupadas por diversos grupos sociais como na região oeste da cidade.

A rigor, habitantes da zona rural, pessoas de cidades vizinhas, migrantes nordestinos, todos em busca de melhores condições de vida, e até mesmo antigos moradores de bairros tradicionais que venderam seus imóveis a preços “vantajosos” e passaram a residir na periferia, expandiram as fronteiras da cidade em todas as direções.

Originariamente, Santarém era composta por dois bairros: Aldeia, na região central, e Prainha, na zona leste. A partir dos anos de 1950, estes bairros foram subdivididos com a criação de inúmeros outros, em especial o bairro da Aldeia. Neste processo, a região oeste da cidade, que é delimitada pela BR-163, despertou o interesse das pessoas e o seu limite natural, o igarapé do Irurá, foi transposto em meados da década de 1970 dando início à sua ocupação.

Na atualidade, há que se destacar uma presença considerável de pessoas com maior poder aquisitivo na região oeste de Santarém. Muitos “sojeiros”, funcionários públicos vindos da capital ou de outros estados, e empresários locais passaram a enxergar o potencial e as vantagens da região e investiram nas grandes áreas do Santarenzinho e do Maracanã. Nos últimos anos, observou-se a construção de inúmeros condomínios residenciais fechados e residências de alto padrão em contraste com a maioria de habitações precárias que, historicamente, formaram esta região da cidade.

¹ UNAMA CENTRO UNIVERSITÁRIO DA AMAZÔNIA, sandronapoleao@yahoo.com.br

A prefeitura e a população em geral costumam dividir a cidade nas chamadas “grandes áreas”, que nada mais são do que aglomerados de bairros que possuem determinadas características em comum. Geralmente, uma grande área é denominada em função do seu bairro de maior importância, havendo várias em Santarém.

Desta forma, encontramos as grandes áreas do Santarenzinho e do Maracanã a oeste da cidade, sendo a primeira formada pelos bairros: Amparo, São Cristóvão, Novo Horizonte, Conquista, Alvorada e Residencial Salvação (loteamento popular do programa federal Minha Casa Minha Vida), além do bairro do Santarenzinho propriamente dito. Na grande área do Maracanã, encontramos os bairros Maracanã I e Maracanã, Nova Vitória e Elcione Barbalho (Tabela 2). Estas duas grandes áreas são separadas pela Avenida Engenheiro Fernando Guilhon, que foi construída na década de 1970 para dar acesso ao novo aeroporto da cidade.

Tabela 2 – População dos bairros das grandes áreas do Santarenzinho e do Maracanã.

BAIRRO

POPULAÇÃO

P. MASCULINA

P. FEMININA

DOMICÍLIOS

Santarenzinho

9.092

4.470

4.622

2.572

Alvorada

1.463

708

755

447

Amparo

3.299

1.688

1.611

882

Conquista

1.978

981

997

503

Novo

Horizonte

1.469

731

738

São Cristóvão

2.167

1.107

1.060

516

Maracanã I

2.553

1.307

1.246

788

Maracanã

3.695

1.782

1.913

1.057

Nova Vitória

2.165

1.053

1.112

597

Elcione Barbalho

3.296

1.628

1.668

838

Total**31.177****15.455****15.722****8.579**

Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento de Santarém (2017).

Além dos dez bairros acima (Tabela 2), em 2016, foi inaugurado o Residencial Salvação totalizando 3.081 residências com aproximadamente 12.000 habitantes. Portanto, chega-se à soma total de pouco mais de 43.000 habitantes nas duas grandes áreas, considerados os números oficiais, que costumam ser questionados por moradores. A fim de atualizar esses dados, solicitou-se à prefeitura os números populacionais daquela região, sendo informado que o último levantamento realizado fora este de 2017.

Há que se destacar, ainda, a existência de uma grande ocupação irregular de área particular (invasão) à margem direita da Avenida Engenheiro Fernando Guilhon, na grande área do Maracanã. Tal área encontra-se

em litígio, uma vez que pertence a uma empresa do ramo imobiliário que tenta a sua reintegração na posse do terreno há alguns anos. Esta área ocupada representa um dos efeitos desse processo de atração que aquela região da cidade tem exercido nos últimos anos sobre mais e mais pessoas.

Dante de tais informações, convém reproduzir a entrevista realizada junto ao Sr. Antônio Gomes Nogueira, 56 anos, presidente do bairro da Conquista, e morador local desde 1980, o qual gentilmente consentiu em falar a respeito da história desta região sem a necessidade de se utilizar do anonimato:

Sou natural da região de Belterra, que ainda fazia parte do município de Santarém, e vim para o centro em busca de melhores condições de estudo, em 1980, pois queria cursar o 2º grau, inexistente no interior. Permaneci no bairro de Aparecida com minha família até adquirirmos um lote de terra no que hoje é o bairro do Santarenzinho. Lembro-me que na época, 1988, já havia cerca de cinco famílias residindo no local, a extensão do igarapé Irurá era muito maior e as pessoas o utilizavam como uma praia. Além daquelas poucas famílias no Santarenzinho, havia também uma pequena colônia de pescadores na praia do Maracanã, onde hoje se chama de bairro Maracanã I. Todos os bairros que compõem as grandes áreas do Santarenzinho e do Maracanã são oriundos de invasões de terras que pertenciam a grandes latifundiários e decorreram do final da década de 1970 até a década de 1980, devido à abertura da Avenida Fernando Guilhon em direção ao novo aeroporto da cidade. Os latifundiários foram praticamente obrigados a negociar suas terras com os invasores para não terem um prejuízo total, mas acredito que nem 30% das áreas hoje ocupadas foram realmente pagas e tenham algum tipo de documentação de propriedade (entrevista com Antônio Gomes Nogueira, realizada em dezembro de 2017).

Na década de 1990, a migração nordestina para Santarém contribuiu com o processo de ocupação da região oeste da cidade, e a multiplicação das famílias pioneiras também foi um fator importante, pois as famílias costumavam ser numerosas e conforme os filhos cresciam e casavam-se havia a necessidade de irem ocupando outras áreas para suas próprias famílias, de acordo com o relato do entrevistado.

Profundo conhecedor desta região e pioneiro em sua ocupação, o Sr. Antônio esclareceu que na década de 1980 toda a cidade de Santarém foi assolada por gangues de criminosos que praticavam toda a sorte de crimes e contravenções.

Contudo, tendo em vista a sua condição de periferia distante das regiões mais abastadas e policiadas da cidade, a grande área do Santarenzinho acabou permanecendo com esse estigma de local violento até os dias de hoje, embora haja bairros bem mais perigosos na cidade, de acordo com a opinião de Antônio Nogueira.

Conforme evidenciado, as grandes áreas do Santarenzinho e do Maracanã, em que pese suas inúmeras deficiências como pavimentação, saneamento e abastecimento de água, estão sendo cada vez mais contempladas com empreendimentos das mais diversas naturezas pelo poder público e pela iniciativa privada.

Podemos citar, nos últimos anos, alguns investimentos feitos na região, como por exemplo, a implantação de uma subestação de energia elétrica da empresa Equatorial, que proporcionou um fornecimento mais regular para a região, inúmeros postos de combustíveis, a instalação de um *shopping center* às margens da Avenida Fernando Guilhon, as empresas atacadistas Atacadão, do grupo Carrefour, e Assaí, também foram inauguradas nesta avenida, além do lançamento de um loteamento habitacional da empresa Buriti Imóveis na mesma via.

Além destes investimentos, a região ainda conta com uma sede local do Conselho Tutelar, um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), um residencial Minha Casa Minha Vida com mais de 3.000 residências, uma Escola de Ensino Técnico do Estado do Pará, postos de saúde, escolas municipais e estaduais, uma Unidade Integrada de Polícia (UIP) e um quartel de cavalaria da Polícia Militar, subordinados à Secretaria de Segurança Pública. Ou seja, a região oeste de Santarém estabelece-se como a nova fronteira de investimentos públicos e privados da cidade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por todo o conteúdo aqui exposto, pode-se concluir que a cidade de Santarém vive um processo constante de expansão desde o século XVII, quando de sua ocupação pela coroa portuguesa. Inicialmente, foi

uma missão religiosa e com o tempo passou a destacar-se como relevante entreposto comercial no coração da selva amazônica e elo entre os grandes centros urbanos, Belém e Manaus, que em muito se beneficiaram durante o auge da exploração do látex. Apesar de sucessivos ciclos econômicos, a cidade foi crescendo em importância e ganhando corpo na região oeste paraense do Baixo Amazonas, assumindo papel de destaque e liderança política, cultural e econômica, como cidade de médio porte no norte do Brasil.

A população santarena foi diversificando-se ao longo dos séculos sob a influência de diversos grupos sociais, conforme referido, como indígenas, negros, europeus, norte-americanos, árabes, nordestinos e, mais recentemente, sulistas, que deram sua contribuição para a formação da identidade cultural do povo local, além de moldar o território, que em muito foi expandido com o passar do tempo.

Toda essa miscigenação cultural promovida, em certa medida, pelo próprio governo federal e seus planos de ocupação e desenvolvimento da Amazônia, acabou por fomentar grandes contradições locais, em que as mudanças de perspectiva econômica em favor do capital e em detrimento da antiga agricultura familiar e da preservação histórica e ambiental, trouxeram de forma parcial o tão almejado progresso, mas a um custo que muitos habitantes locais não desejam pagar, contudo se veem obrigados a aceitar.

Ficou evidenciado que a cidade sempre foi limitada por seus acidentes geográficos, especialmente seus rios, entretanto, a urbanização forçada de Santarém levou a que esses acidentes geográficos fossem superados em um processo de ocupação desordenado, mas que se fazia necessário naquele momento histórico em que muitos precisavam da terra que estava nas mãos de poucos.

A fim de suprir suas necessidades de moradia, emprego, saúde e educação, que eram bem escassos no interior de Santarém e nas cidades circunvizinhas, muitos aventureiram-se naquele período de expansão territorial. Nesta perspectiva, a região oeste foi densamente povoada por toda a sorte de pessoas das mais diversas origens em um processo que continua até hoje. Constatou-se, ainda, no presente estudo que as grandes áreas do Santarenzinho e do Maracanã têm sua ocupação datada do fim dos anos 70, mas, nos dias atuais, a sua importância nesta dinâmica urbana vem aumentando do ponto de vista socioeconômico.

O corredor da Avenida Fernando Guilhon, que se inicia em um viaduto sobre a BR-163 e segue até o aeroporto Wilson Fonseca, tem sido palco de grandes investimentos de natureza pública e privada nos últimos anos, o que tem despertado a atenção e o interesse de muitos moradores de Santarém e de outras cidades ao seu redor, bem como de pessoas oriundas de outros estados brasileiros, conforme foi destacado por uma liderança local entrevistada neste estudo.

É de se questionar as razões pelas quais esta região, antes tão discriminada, tem atraído tanta atenção e investimentos nas duas últimas décadas. É perceptível que ainda existem vastas áreas para expansão, o que tem sido alvo de investidores do ramo imobiliário. A instalação de um shopping de porte considerável e de dois grandes mercados atacadistas são alguns fatores de atração, sem se esquecer da proximidade com o aeroporto local e o acesso direto à bela vila balneária de Alter do Chão por uma rodovia estadual (PA 457) com 28 km de extensão, conectada à Avenida Engenheiro Fernando Guilhon.

Como referido acima, muitos se deram conta do potencial econômico da região. A instalação do Residencial Salvação com mais de 12.000 habitantes e o lançamento do loteamento da Buriti Imóveis, com vasta extensão territorial, prometem alavancar em muito o desenvolvimento socioeconômico e a ocupação da região nos próximos anos. O próprio Governo do Estado do Pará reconheceu a atual importância da região e providenciou a instalação de uma Escola Técnica, bem como de uma Unidade Integrada de Polícia (UIP), que integra as Polícias Civil e Militar, e a Fundação Pará Paz, em uma clara demonstração de interesse pelo desenvolvimento local.

Logo, acreditamos que a pesquisa ora realizada, a respeito de Santarém e seu processo social de territorialização, especialmente focada em sua região oeste, foi capaz de atingir seu objetivo geral de compreender as motivações desse movimento. Todavia, não se esqueceu de identificar as históricas deficiências existentes na região e todos os problemas advindos da ocupação desenfreada ao longo de quarenta anos, o que demonstra a patente necessidade de políticas públicas aptas a garantir uma vida mais digna para tantas famílias de uma região tão densamente povoada.

Finalmente, não se tem por esgotado tão relevante e apaixonante temática. Mas, a despeito de suas mazelas, não é um exagero afirmar que as grandes áreas do Santarenzinho e do Maracanã são verdadeiros corredores de desenvolvimento da cidade de Santarém na atualidade.

Referências

AMORIM, Antonia Terezinha dos Santos. **Santarém: uma síntese histórica**. Canoas: Ed. ULBRA, 2000.

AMORIM, Antonia Terezinha dos Santos. **Santarém sua história e suas belezas**. 1. ed. Belém: Samauma Editorial, 2013.

CASTRO, Edna. Urbanização, pluralidade e singularidades das cidades amazônicas. In: CASTRO, Edna (Org.). **Cidades na floresta**. São Paulo: Annablume, p. 13-39, 2009.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de artigos científicos**. São Paulo: Avercamp, 2004.

PEREIRA, José Carlos Matos. O papel de Santarém como cidade média na Amazônia Oriental. In: CASTRO, Edna (Org.). **Cidades na floresta**. São Paulo: Annablume, p. 329-352, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTARÉM. Disponível em: http://www.santarem.pa.gov.br/pagina.asp?id_pagina=6. Acesso em: 05 dez. 2017.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. Trad. Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 11-25, 1973.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PARÁ. Disponível em: <http://www.tre-pa.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/plebiscito-2011/relatorios-da-votacao-dos-plebiscitos-2011>. Acesso em: 07 dez. 2017.

WOLF, Eric. **Antropologia e poder**. Trad. Pedro Maia Soares. Brasília: UNB. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. UNICAMP, p. 93-195, 2003.

PALAVRAS-CHAVE: Santarém, Santarenzinho, Maracanã, Territorialização, Desenvolvimento